



Como nasce uma editora

Ana Elisa Ribeiro

Prefácio de Larissa Mundim

Como nasce uma editora

Ana Elisa Ribeiro

ntretantas



A obra pode ser livremente copiada e distribuída, desde que sem alterações, com citação da autora e da editora e para fins não comerciais.

Projeto gráfico e diagramação Samara Coutinho

Revisão Cecília Castro

Catálogo na Publicação (CIP)

Ribeiro, Ana Elisa, 1975-
Criação nasce uma editora / Ana Elisa Ribeiro. –
Belo Horizonte: Entretantas, 2023.
51 p.

ISBN 978-65-999663-0-9

1. Produção editorial 2. Edição – Ensaios 3.
Edição – Mulheres I. Título.
CDD: 686

Bibliotecária responsável: Cleide A. Fernandes CRB6/2334

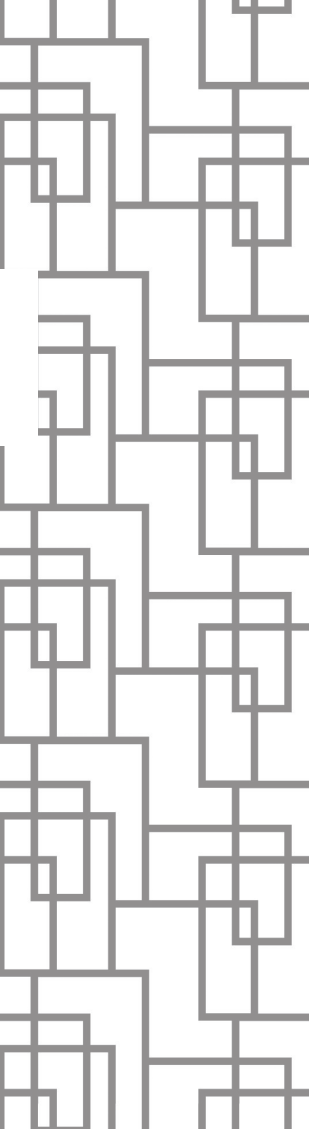
*Ora, pois, uma senhora a testa de
uma redação de um jornal!
Que bicho de sete cabeças será?*

Joana Paula Manso*

*Uma das primeiras mulheres editoras no Brasil, no n. 1 do ano 1 de *O Jornal das Senhoras*, em janeiro de 1852, no Rio de Janeiro.



Prefácio



No ensaio *Como nasce uma editora*, os pontos de vista apresentados por Ana Elisa Ribeiro contemplam aspectos da prática editorial – por dentro e por fora –, des-cortinando o ofício da *editora* e de editoras ou editores, especialmente quando se apresenta em estado natural, autônomo e radical para o nosso tempo. Instigada por esta leitura, compartilho aqui algumas reflexões que me atravessaram.

Se editoras nascem do desejo de fazer *livro*, se seu nascedouro tem base na impetuosidade, sua resistência e manutenção são movidas pela teimosia e pela esperança, também pela disputa de poder. Fazer dinheiro é motivação mais rara neste tipo de negócio.

Uma editora pode surgir de maneira romântica e ingênua, sim. Já vem ao mundo pressionada pelo modo mercadológico de operar, mas é livre para destoar e inventar

rumos próprios. Estas se autodenominam ou são reconhecidas como editoras “independentes”, amalgamadas pela diversidade da produção, ocupando um território de alta qualidade criativa onde tudo é possível, até negar a existência formal de um mercado como condição de preservação. Neste espaço, a autopublicação tem potencial para colaborar com resultados surpreendentes.

Interessante observar que a busca de caminhos mais abertos para a construção de uma identidade singular pode se valer da instabilidade causada pela “indefinição do livro”, seja uma editora independente ou não.

O sintoma de uma *editora* vai se manifestar na constituição de seu catálogo. A forma como dialoga com seu público diz muito sobre ela: a escolha do conteúdo publicado, a definição de quem publicar, a elaboração do livro como objeto, a estratégia de circulação.

Naturalmente, o perfil de leitoras e leitores que consome tais livros também será bastante sintomático.

Por meio de curadoria, uma *editora* reflete necessidades, expectativas, crises de seu tempo. Gestoras de orçamentos enxutos, conscientes de suas posturas políticas e afetas aos capitais diversos que envolvem o *livro*, muitas pequenas editoras apostam em autoras/autores desconhecidos, acreditando no interesse gerado pelo conteúdo. E assim a bibliodiversidade vai fortalecendo uma cultura de leitura acolhedora e ávida por visões plurais e por representatividade.

Segundo Ana Elisa Ribeiro, “editar é um movimento” e, por experiência própria, percebo que não estar fixada como atividade meio, nesta cadeia produtiva tão complexa, define uma editora contemporânea. Seu lugar é mais numa encruzilhada agora.

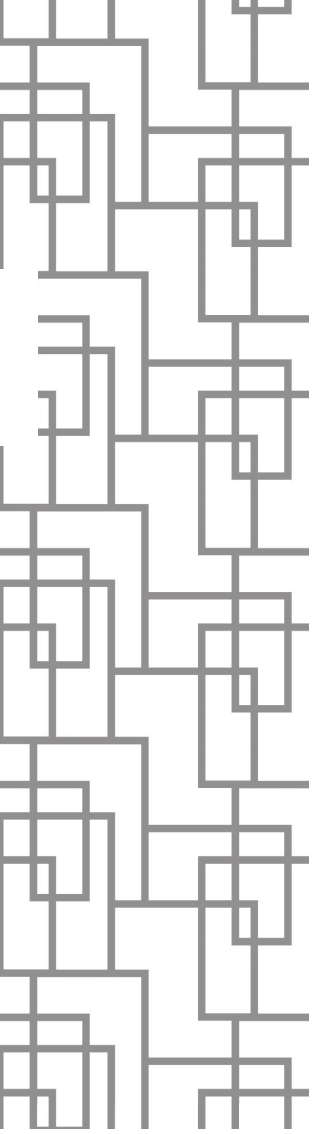
E foi na leitura deste ensaio que me questionei se a publicação de livros seria suficiente para cancelar uma *editora*, como obra. As palavras escritas por Ana Elisa Ribeiro me conduziram à elaboração deste pensamento que parafraseia Simone de Beauvoir acerca do ser/estar mulher: não se nasce *editora*, torna-se *editora*.

Talvez por isso, muitas pessoas que editam (e se autopublicam também) estejam se definindo ou sendo reconhecidas como “publicadoras” – com percepções mais conscientes ou menos conscientes de suas escolhas, limites e capacidade expansiva de visões, que ainda não me foram reveladas.

Larissa Mundim



Como nasce uma editora



Ela, ela quem?

Há uma ambiguidade difícil de enfrentar no título deste pequeno ensaio. É possível que o leitor e a leitora não tenham ainda certeza do assunto de que trato aqui, e simplesmente porque em português uma *editora* pode ser tanto uma empresa ou um empreendimento quanto uma pessoa, uma mulher, uma empreendedora, uma aventureira, uma rebelde, uma subversiva, mas também uma submissa.

Uma *editora* é, em definição livre (por que não?), o espaço, físico e/ou simbólico, que publica textos – em sentido expandido; alguns dirão que ela publica livros, uma vez que transforma textos em livros. No entanto, também a noção de livro não está dada. Sua instabilidade, sempre afetada por questões tecnológicas, entre outras, anda hoje muito evidente diante de tantas possibilidades de

livros, tantas configurações, formatos ou materialidades que eles podem ter. Uma *editora* publica livros, mas também outras peças, que podem circular materialmente de maneiras distintas e diversas, sendo a circulação exatamente um dos pontos-chaves para se pensar e considerar a respeito de uma *editora* e suas finalidades.

Se a primeira imagem que nos ocorre do que seja uma *editora* tem relação, necessariamente, com um edifício, um escritório, um endereço físico, pode ser que tenhamos de refinar ou, ao contrário, espessar nossos critérios a fim de abranger uma série de empreendimentos que não cabem nessa imagem. Uma *editora*, afinal, pode não se localizar num edifício exclusivo, não ter um endereço comercial e mesmo não passar da atitude publicadora de um indivíduo (homem, mulher ou).



Uma *editora* costuma nascer de um desejo. Há alguns anos lendo sobre isso e ouvindo depoimentos sobre como editar, por que editar, com paixão & raiva, gratificação & frustração em igual medida, recolhi, mesmo que sem grande sistematização, uma série de momentos-origem ou faíscas ou chispas ou essa coisa mínima-mas-determinante que faz com que uma pessoa se torne, às vezes sem demora, uma *editora*. Sem endereço, sem documentos, sem cadastro de pessoa jurídica, sem ISBN, sem sequer uma direção clara, uma linha editorial explícita. Algumas editoras nascem, por exemplo, da raiva. Não são raros os casos de empreendimentos contemporâneos que respondem à ausência de espaços de publicação para vozes/escritos que não costumam ser perce-

bidos – ou mesmo aceitos – por casas editoriais mais convencionais. Algumas editoras declaradamente feministas ou publicadoras de autorias lgbtqia+ ou negras ou interseccionalmente, claro, nascem de uma atitude publicadora que quer ocupar espaços editoriais e discursivos em disputa. Nascem da percepção de que editar e publicar são atitude, são política, são gesto, são entrar em campo. Em desvantagem, na maioria das vezes, mas certamente criando ruído, tornando as coisas mais tensas, de uma tensão necessária, desnaturalizando, incomodando, fazendo que adensem os debates, que se suba o tom.

Uma *editora* nasce da falta também. Da percepção de que há algo a dizer que não vem sendo dito, de que os catálogos mais visibilizados podem criar uma harmonia que se confunde com hegemonia, e é preciso atuar aí, desafinar o coro. De repente, uma

editora nasce de um primeiro livro – uma primeira publicação – que cria uma dissensão. Uma *editora* pode vir para dizer “mas”, ou pode fingir-se disso para ser parte do que já aí está. Uma *editora* pode nascer das entrelinhas, pinçando o que não está claramente dito, tirando algo dos rodapés e levando às linhas principais, o corpo do texto. Uma *editora* dá corpo, dá vida, sem necessariamente ser um corpo grosso. Muitas vezes ela será um lampejo; outras ela terá um ciclo de vida largo, sendo pequena ou não.



Uma *editora* pode nascer porque responde à falta de espaço simbólico. A escassez de espaço físico não faz sentido aqui. Uma *editora* responde *sim* aos que se cansaram de ouvir/ler *não*. Ou elas dirão *não* ao que umas só dizem *sim*. E aí as pessoas que fazem nascer essas *editoras* acordam um dia e pensam: por que não eu? E parte dessa espécie de empoderamento (paciência) vem com as tecnologias digitais e as facilidades de edição que elas trouxeram. Não é para poucos, não é para especialistas apenas, não é para escolhidos, não é só para herdeiros, não é mais. O passadiço interditado, difícil, entre ser autor e ser editor, autora e editora, por exemplo, ruiu, ao menos parcialmente. Ou, mais propriamente, esse passadiço hoje tem trânsito. O trânsito entre autor e editor, autoeditor, editor de si e dos outros, é hoje muito mais fluido, embora editar e publicar um livro envolva,

ainda, dimensionamentos e escalas que nem todos/as podem alcançar.

Nasce uma *editora* quando os *não* se acumulam e uma série de elementos se reúnem entre os desejos, as febres, os sonhos e as raivas de uma pessoa que, então, se interpõe. Se não fazem, vou fazer. Se não há espaço, vou criá-lo.



Mas isso não pode ser assim tão fácil, nem tão dinâmico, nem tão acessível. Onde estão os nós/nodos? Onde eles continuam firmes? Onde os problemas pouco se solucionam? Quando é que sentimos que *editar* e *publicar* não coincidem, não necessariamente? Que hibridações inespecíficas nos interpelam hoje? Com que mais estamos lidando?

Edição, curadoria, publicação, ademais: *editora* ou *publicadora*? Por que temos visto algumas pessoas/empreendimentos preferirem não se posicionar como *editoras*? Alegam que publicam tudo, menos livros; e fazem pensar que o livro, este sim, é definidor. Uma *editora* é um espaço, físico e/ou simbólico, por meio do qual os livros são publicados.

Se nasce um livro, nasce um/a editor/a? A propósito: pode ser que, sim, nasça um editor ou uma *editora*, mas não necessariamente nascerá uma casa editorial ou uma *editora*, neste sentido do empreendimento. Do que falamos, então? Que há de haver uma continuidade, talvez; uma possível regularidade, mesmo que não periódica nem rigorosa em seus lançamentos de títulos; uma sistematicidade qualquer; uma espera que será compensada; projetos de obras futuras; a projeção de um catálogo, afinal. Então *editar* é um *movimento*.



Sinto um incômodo, uma espécie de irritação, ao mesmo tempo que percebo uma possibilidade e um conhecimento mínimo: vou editar um livro. Reúno os elementos. Tenho condições, concluo. Recursos de variada natureza, algum dinheiro, possíveis leitores e leitoras. Sigamos. Não raro, tenho amigos e amigas, parceiros/as, colaboradores/ras; sei de suas competências, posso propor algo. Até aí, vamos editar. Provavelmente temos um original, isto é, um texto. O embrião de um livro é um material editável, que posso chamar inespecificamente aqui de um *texto*. Então vamos trabalhar nele, mesmo ainda sem noção precisa de por onde começar, o que fazer, como tratá-lo. Mas, supondo que seja possível aprender com as mãos afundadas na massa, apren-

der enquanto se edita, aprender ouvindo, vendo, pesquisando, teremos em breve um livro, uma obra (ou a palavra é forte?). E aí encontraremos, provavelmente, o istmo, aquela pequena superfície, muito frágil, que liga o *editar* ao *publicar*. A travessia é toda a parte mais complexa e interessante da aventura.

Poucas editoras, hoje, publicam. Observando de fora e de dentro; como autora e leitora e editora; como espiã; como infiltrada; ora pensando como quem quer ver seu livro existir, ora sem pensar, apenas sentindo grandes frustrações, enormes alegrias muito efêmeras, é possível dizer, correndo o risco da impropriedade ou de uma cisão semântica inútil, meio antipática, antiprática, que nem sempre quem edita consegue publicar, embora também seja possível que autores e autoras demorem muito a perceber a diferença; ou a percebam sem

nomear, apenas sentindo e se enraivecendo e enviando áudios irritados aos seus editores, às suas editoras de braços curtos, pernas frágeis, num ambiente de poucos e agressivos gigantes.



Uma *editora* nasce de um gesto. Ela quer quebrar um silêncio ou quer provocá-lo onde ele tem o potencial de causar certo espanto ou algum constrangimento. Ou quer talhar um espaço vazio ou ocupado por quem não deveria estar lá – há quem não deva?

Muitas editoras nasceram da ausência de materiais de leitura e para os estudos universitários. Outras nasceram para amenizar o jorro de literaturas apenas estrangeiras que aportam sem parar, tornando nossa

própria voz muito baixa, quase inaudível. Algumas nasceram para angariar a simpatia e os gostos das crianças, gente pequena, uma fase da vida em que julgam que se possa conquistar leitores/leitoras. Estou aqui procurando a palavra: *conquistar* me pareceu boa. Mas também se acercaram dominar, colonizar, desviar, dirigir, (des)orientar, o que serve para tudo, para todos, e por isso a leitura é essa faca de dois gumes afiados.

Há *editoras* que nasceram onde nada chegava. Os livros não vinham, os correios não passavam, as livrarias eram inexistentes, as bibliotecas idem; um mapa de ausências perigosas, sentidas por alguns como oportunas. Ali, nas franjas das cidades, nos longes dos mapas, às vezes umas pessoas descobrem um modo de editar, com papéis de descarte, com manufaturas, e se põem a fazer circular, ainda que nesse raio curto,

uns livros. Isso não basta, no mais das vezes, mas é o suficiente para causar uma perturbação, para tensionar, para despertar gostos e desgostos, para esticar a corda. Sem computadores, diga-se, as pessoas produzem objetos legíveis, ideias espalháveis.

Houve *editoras* que não tinham espaço físico, endereço, justamente porque precisavam ser leves, móveis, peças soltas, de fácil decolagem, fluidas, vento, escapando pelas frestas quando as vinham interrogar. Uma *editora* pode ser alguém, uma pessoa capaz de levantar o acampamento. Uma *editora* muitas vezes se estabelece dentro de um notebook. Lá está, pronta para cortar, colar, colorir, ajustar, comunicar-se, distribuir. Mas uma outra, de natureza diversa, nasce e se expande num endereço com CEP, pesa, custa, enfrenta com seu tônus as iguais e as diferentes.



Já me disseram que uma *editora* nasceu da dúvida, nasceu sem querer, quando viram... ela estava lá. Disseram que a *editora* nasceu de uma imensa tristeza ou de uma amizade, num café. Geralmente ninguém disse “vamos abrir uma *editora*”; a frase pode ter sido outra: “vamos publicar um livro?”. O livro como uma espécie de embrião, de vetor, de fumaça que sinaliza fogo, pegamos a mão e veio o braço, um passo, um salto, se este der certo... pensaremos em outro, mesmo que não dê certo, o próximo virá.

Uma *editora*, não raro, nasce e vive respirando mal, numa quase asfixia, mas ela aprende ou ela, quando morre, evanesce. A questão é que toda editora deixa vestígios. Os livros, por poucos que tenham sido,

e feios, e sóbrios, e irregulares, eles custam muito a deixar a Terra. Eles parecem se estilhaçar e espalhar por aí, assombrar; às vezes vão ser juntados por pessoas loucas que os compram em sebos, em vendedores ambulantes, livreiros de rua, como se fossem gotas de mercúrio (prata-viva, metal líquido à temperatura ambiente): fecho os olhos e posso ver a imagem das gotas se colando de novo. Recuperar catálogos perdidos, outra travessia, o reverso do publicar.

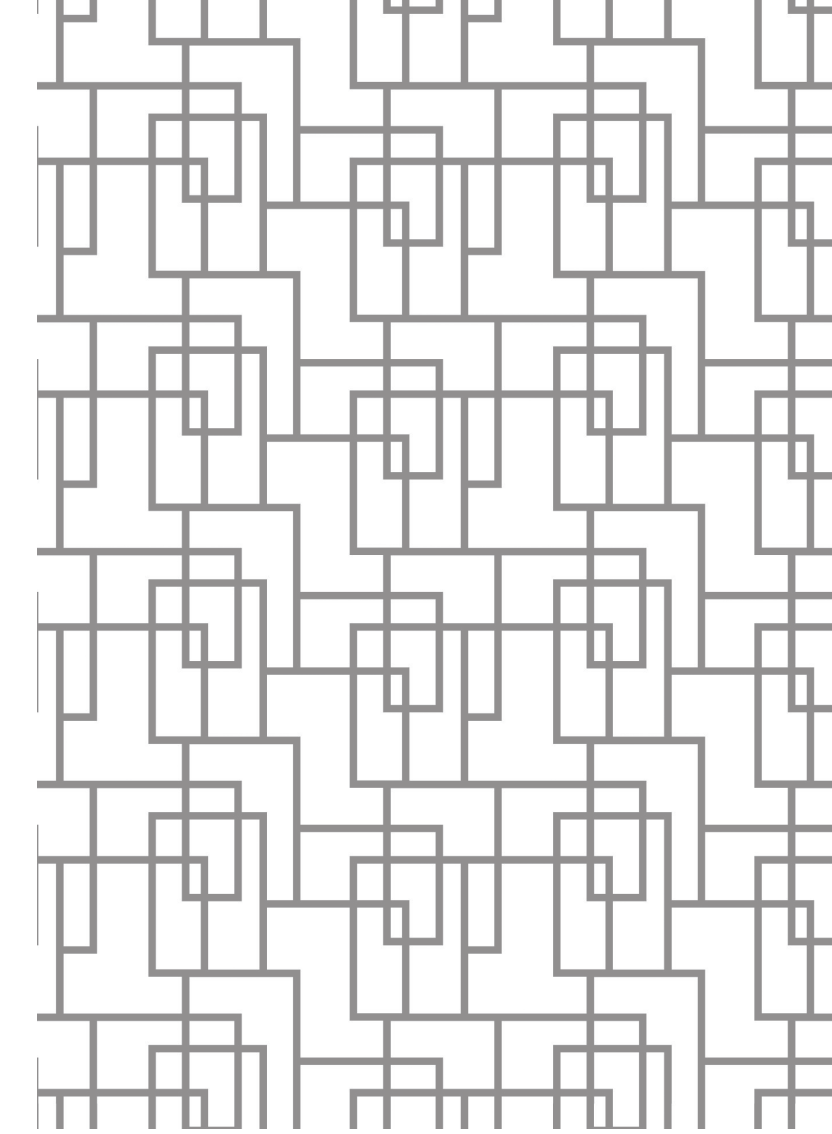


Uma *editora* faz promessas. Cumpre parcialmente. *Editoras* nascem dos silêncios, como já dito, e podem fazer circular outros silêncios, estes atônitos, perplexos. Uma vez li algo que me desconcertou. A *editora* provavelmente estremeceu. Eu estremeeci. Uma *editora* pode parecer maior do que é, pode ser (des)favorecida de várias maneiras, pode ter um parto difícil, pode alcançar algo belíssimo: ter uma assinatura. Pequeníssimas ou grandes, algumas têm; outras não conseguem ter uma cara reconhecível. Quem é você?, pergunta o/a leitor/a. Na verdade ele/ela também pensa: O que posso esperar? O que devo esperar? Uma *editora* precisa saber responder. Ou, se não sabe, provavelmente ainda se manterá, ainda que um tanto sem textura, sem timbre próprio.

Certa vez me disseram que a *editora* foi uma resposta ao desemprego. Ou uma reação ao barulho apenas agudo, vindo

então ela impor um grave. Uma *editora* que publica aos jorros, enquanto uma outra, sua vizinha, goteja. Existe editora sem livros? Existe editor sem publicação? Publicação sem editor existe, desde sempre e para sempre. O que faz um/a editor/a nascer ou se formar? Editores/as escolhem ou rasuram textos? Ou ambas as coisas? Ou apenas uma delas garante o rótulo? Ou é possível sequer lidar com os textos e ser editor/a?







Elas, elas mesmas

Agora a confusão: uma *editora* pode ser dirigida por homens e mulheres. Mas isso não está distribuído equanimemente, nem nunca esteve; é assimétrico, é desigual, e, ao mesmo tempo, nos ajuda a observar que imaginar uma configuração pode ser desvantajoso, injusto ou mesmo desonesto com quem teve de invadir, ocupar às cotoveladas os espaços que não estavam dados. Conforme o que imagino que seja uma *editora* é que poderei enxergar menos ou mais elementos na cena. Vejamos:

Certa vez, quase um século atrás, uma juvenzinha de cerca de 17 anos editou – o que inclui compor com tipos em uma gráfica – uma revista dessas que se confundem com manifestos programáticos literários. Parece que sabemos a importância que as revistas têm para os movimentos e as ondas

literários, sobre como elas inoculam uma certa substância que vai dar em atividades e atitudes que levam à edição de livros, à murmuração, eventualmente a câmbios de forma e sentido, em renovações e em reforços. Essa juvenzinha, também poeta, e na poesia essa fração editor/a sempre há, sempre está lá, está subnarrada nas histórias que ouvimos e lemos por aí, e quando está, sua feição poeta aparece mais do que sua faceta editora desse periódico. Sim, não se trata de um silêncio absoluto, mas de um dizer de menor importância, com menos ênfase, ah, apenas uma revista de dois ou três números, ah, apenas ela entre os varões, ah, ela deu seus palpites. Aqui e ali, um lampejo de justiça: vamos içá-la, senhores, à relevância que lhe cabe, mas isso nem sempre é duradouro ou efetivo. Risinhos de canto de boca aqui e ali, inclusive entre os pesquisadores.

Pois bem: quantos garotos conhecemos que, num golpe d'asas, editaram folhetos, que foram então alçados ao espectro mais visível das efemérides literárias incontornáveis, mesmo que às vezes soem como curiosidades de um passado febril e buliçoso, que mais tarde vai amadurecer na forma de autorias e obras canonizáveis? Vários.

Nossa menina estava lá, pois que se saiba. Tocou adiante, inclusive com tinta nos dedos, um projeto ambicioso, no interior das Minas Gerais, e passou à história literária como qualquer coisa, menos isso, uma *editora*. Foi o que aconteceu, vamos nomear. Mas se minha mirada não está ajustada a essas ocorrências, desse tipo meio escasso e meio tímido, meio forçosamente discreto, não terei condições de enxergar o que estava lá; me escapará o que mais procuro. Para procurar, no entanto, é preciso ajustar o foco. No caso das moças,

abrir mais, regular, lá estava ela, sim. Quem disse que foi coadjuvante? E quem sou eu, agora, para dizer que era protagonista? Meu objeto de estudos por vezes me condena também à penumbra.



História. Em tempos passados, a *editora*, digo, a mulher que edita, existirá em configurações talvez menos convencionadas, menos semelhantes aos editores, menos visíveis aos olhos destreinados, tomando atitudes e fazendo coisas que pouco se espera que ela faça, ou que se considera que não sejam nada; uma mulher que edita provavelmente estará à margem dos espaços de edição mais centrais, dos tipos de edição mais hegemônicos, o que inclui conteúdos,

discursos, formatos, formas, projetos gráficos, modos de difusão, redes de contatos. Uma mulher que edita pode publicar – num espaço de ação de curto raio, provavelmente – uns livros que dizem o que a faixa de rodagem do trânsito pesado das editoras estabelecidas não deixará que se ouça ou a que se dará somenos importância. Porque quem diz o que é e não é importante é também quem edita. Não nos enganemos com polarizações. Não são dois espaços estanques, dois times adversários. São um espectro.

Mas ser *editora* é angariar um poder, de onde ele vem – esse poder meio prévio? De onde ele virá? Nascerá da falta sentida, do fato mais ou menos replicante de reagir a um silêncio ou a um silenciamento (é esta a palavra), nascerá de uma raiva que quer que um livro seja mais ou menos como um canivete, uma pistola, um arco-e-flecha,

uma lança, um punhal, talvez também um escudo. Não me venham criticar a analogia/metáfora entre livros e armas. Não a inventei. Está aí. E também por aí passeiam as palavras, os poemas, o *editar*, nesse campo semântico – já clichê – da luta, da guerra, da disputa, do campo minado.



Uma mulher achou que faltavam livros de autoria de pessoas negras. Um dia ela pensou nisso, o que já seria uma pequena revolução, mas ainda silenciosa; um passo adiante: vou publicar gente preta. Uma mulher preta pode fazer isso. E ela fará, depois que sugar todo o conhecimento suficiente para começar. Ela começará. Ela aprenderá, mesmo que sobre os ombros de quem nem acha que ensina; ela observará,

ela ouvirá atentamente, ela então imitará os gestos de quem sabe, de quem faz, e ela poderá pôr no mundo uns livros que vêm tratar não apenas do que era pouco tratado, mas na voz/da perspectiva de quem geralmente não tinha canais para dizer. Escrever, melhor dizendo. Uma mulher de qualquer cor, de qualquer tipo, poderá pensar nessas pequenas revoluções, depois em revolver terrenos maiores, até que suas ações criem uma onda que chega lá na ponta dando pequenos empurrões, pequenos e notáveis. Essas mulheres que editam raramente ocupam espaços centrais, há exceções. A que custo? Elas vão parir *editoras* engenhosas, criativas, inovadoras, para usar esses termos tão contemporâneos, mas vão sempre sentir essa espécie de atrito com o ar. Uma mulher pobre, preta, se insurgiu. Aprendeu aqui e ali umas coisas que resolveu usar taticamente. É apenas um exemplo entre muitos, meio dispersos,

que depois ganham musculatura. Usos táticos. E depois, no século XXI, muitas outras, muitas e suas peles e seus existires, descubrem que *editar* é um gesto, um aceno ou uma porrada na mesa, um espaço ali tão resguardado. Entre sem bater.

Muito embora se possa pensar na edição como um espaço especializado, de poucos que sabem e pouco ensinam, também é possível pensar que se aprende sobre isso – e a fazer isso – na base do furto e da insurgência. A maior parte das editoras é criada e administrada, e mesmo as pequeníssimas e autodeclaradas independentes, por gente branca de alta escolaridade. Claro, editoras funcionam no âmbito da cultura escrita, dos letramentos, são agentes, são personagens, são parte do sistema que tem a escrita (em sentido amplo) como centro. Temos um dilema?



Há um outro problema nisso: os *elos partidos*. Uma mulher não conhece a história de uma outra, sua predecessora; e uma não sabendo da outra, da luta da outra, dos projetos relativamente bem-sucedidos da outra, não sabe que há uma espécie de hereditariedade em tudo, e que suas ideias não são assim tão novas, inéditas, e que ela na verdade poderia atualizar o projeto de uma outra mulher, ser tributária dela, de algum modo. Os homens fazem isso bem, entre si. Essa noção de sucessão, também em edição, é importante porque historiciza, relaciona, fortalece, apruma, dá coesão, sustém, substancia, circunstancia, cria liga, fecha espaços de cisão, evita estilhaçamentos incorrigíveis, eventualmente põe no jogo o respeito, uma fisiologia que faz tudo funcio-

nar para além da escala humana: quando uma *editora-agora* sabe dos projetos de uma *editora-ontem*, elas podem durar mais do que o que dura uma vida, a de apenas uma delas. Uma *editora* de uma mulher que edita passou pelo mundo, deixou um vestígio. Estamos à procura deles, afinal. E dizemos: moça, você tem uma predecessora. Não é sorte que hoje tenhamos dificuldades de acompanhar o nascimento das *editoras*, pelo excesso, pela profusão. É o que resulta. Uma equação com tantos elementos que sequer conseguimos explicar completamente. Os catálogos que vêm crescendo, que abrem janelas espaçosas, duas folhas escancaradas, não se sente mais a opressão direito. Colhendo depoimentos, não raro as mulheres que editam dizem que deu tudo certo, que jamais se sentiram menores, que tiveram carreiras justas e que ombrearam com seus colegas, que nem as notaram

ali como se não devessem estar. Aqui e ali, apenas raramente, uma *editora* se lembra de algum episódio misógino ou de ter de trabalhar triplamente para se estabelecer, recebendo um salário metade menor. Vão escasseando. O cuidado é não desqualificá-las. Um conjunto enorme de editoras faz parte de um sistema complexo, de muitas facetas, vivo feito uma floresta pulsante.



Tudo o que está escrito aqui deriva de conversas, leituras, diálogos diretos e indiretos, debates, depoimentos, confissões. Não está organizado como um artigo, sistematizado para ser aprovado em comitês de pesquisa, mas pode ser livremente relatado, também em tom meio confessional. Ou como uma espécie de sussurro.

Em um evento do Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e o Caribe (Cerlalc), instituição com a qual deveríamos ter mais contato, perguntaram num debate pós-conferência: a chegada das mulheres ao mercado editorial, em cargos de direção, alterou o cenário? Mudou alguma coisa? Em que sentidos?

É isso. É essa, hoje, a pergunta atualizada. As mulheres sempre estiveram nos bastidores. Mas em cargos diretivos, decisórios, curatoriais, de liderança, o que elas vêm produzindo como efeito para si, para outras mulheres, para o mundo, para a literatura, para os livros e a edição?

Há um livro da professora mineira Constância Lima Duarte que trata dos periódicos femininos e feministas no século XIX. Fizemos as contas: uma parcela deles era dirigida por mulheres. Isso não garante

mudança. Parte dessas editoras se ocupava de manter o discurso patriarcal, claro, como muitas fazem até hoje, desde sempre. Outra parte, esta, sim, se dedicava a romper, a incomodar, a revolver. E na edição de livros? Já sabemos?

Sabemos de algumas. Sabemos das editoras declaradamente feministas, de projeto político nítido. Mas não sabemos de todas e nem o quanto revolvem, se insurgem, reagem ou criam novas pautas e desassossegos. É o que também precisamos saber, via estudos de linguagens, de discursos, de textos etc., sem esquecer que catálogos são também discursos.



O que é um *livro* não está dado. O que é uma *editora* não está dado. O que é *editar* desliza, se desloca, se acomoda. Se uma *editora* só existe porque publica *livros*, podemos pensar. O livro como determinante, definidor, mina, nascedouro, inauguração, sopro, alento, também como objeto *sine qua non*. Se a atitude de publicar não basta, tem em si certa insuficiência para onde quer que olhemos, podemos debater sobre seu alcance, seus ecos, suas ressonâncias, passando pelos espaços hegemônicos, de dominação, por um possível (será?) aspecto colaborativo, certo coletivismo, evitando ingenuidades e polarizações do tipo bom e mau, qualidade e má qualidade, cultura e entretenimento. Objetivamente: tiragem, distribuição, negócio, imprensa, mídias sociais, vendas. Uma vez que um *livro* existe sob meu selo, o que mais passa a ser possível? Ser possível (potência) é

suficiente? O que mais passa a ser exigível?
Quando é que percebo que toquei, de novo,
numa barreira invisível (teto de vidro?)
que não me deixa avançar, mesmo que eu
empurre? Quando é que *editar* não resulta?
E por que brechas escapamos, escaparemos?

Agradeço expressamente à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) pelo fomento na forma do projeto APQ0002118, que gerou não apenas pesquisas, mas uma comunidade em torno do tema das mulheres na edição.

Ressonâncias (entre outras)

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX* Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FONTDEVILA, Aina P. Qué es una autora o qué no es un autor. In: FONTDEVILA; TORRAS. *Qué es una autora?* Encrucijadas teóricas entre género y autoría. Barcelona: Icaria, 2019.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 1995.

NASCIMENTO, Marcos Roberto do. *Graus de independência/dependência (GIDs) das editoras brasileiras: entre o simbólico e o econômico*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens), Belo Horizonte, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2022.

RUSS, Joanna. *Cómo acabar con la escritura de las mujeres*. 3 ed. Madri: Barret/DosBigotes, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa; PEREIRA, Maria do Rosário Alves; MOREIRA, Renata. *Prezada editora, mulheres no mercado editorial brasileiro*. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2021. (Coleção Pensar Edição)

SAPIRO, Gisèle. *La sociología de la literatura*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016. [A versão em português foi publicada na coleção Pensar Edição pelas editoras Moinhos e Contafios, com tradução de Juçara Valentino, em 2019].

VECCHIO, Pollyanna de Mattos M. *O direito de publicar: autopublicação, fast-publishing e tecnologias digitais no mercado editorial brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens), Belo Horizonte, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2022.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

A Entretantas foi criada em 2022 por Samara Coutinho, Cecília Castro e Ana Elisa Ribeiro, três profissionais da edição e apaixonadas por fazer livros, com o intuito de publicar principalmente textos acadêmicos e ensaios que discutem a temática editorial, em volumes cheios de bossa e cuidado gráfico. O nome da editora partiu de uma brincadeira com uma bem-sucedida casa editorial brasileira e depois ganhou as camadas feministas típicas do trabalho das três sócias.

Livreto composto na tipografia Century
Schoolbook 9/10/15. Impresso na gráfica
Impressões de Minas em janeiro de 2023.

